

ESPORTE MAIS VIOLENTO? – POSSIBILIDADES DE ANÁLISE ATRAVÉS DE ELIAS E DUNNING

BORGES, Fernando César¹

Resumo

Violência e esporte são temas correntes na sociedade. Cortejados pela mídia, fazem parte do cotidiano de todos, tornando difícil não obter opinião a respeito. Neste sentido, a percepção torna-se um elemento fundamental na formação do senso comum. O texto aqui apresentado propõe-se a discutir esta relação procurando contradições e aproximações correntes na literatura, inicialmente e prioritariamente em autores como Elias e Bourdieu.

Palavras-chave: *esporte, violência, processo civilizador.*

Este artigo pretende levantar algumas questões referentes à violência e ao esporte a fim de incitar um debate preliminar, passível de futuros aprofundamentos e novos debates. Para tanto, utilizaremos prioritariamente, alguns textos de Elias e Dunning² como referências na subvenção do debate, procurando também, dialogar com outros autores.

No capítulo oito do livro *A Busca da Excitação*, “As ligações sociais e a violência no desporto”, Dunning alerta para a seguinte questão:

Acredita-se hoje plenamente que vivemos num dos períodos mais violentos da história. Na verdade, talvez seja justo que, pelo menos nas sociedades ocidentais, o medo de nos encontrarmos actualmente a sofrer um processo de “descivilização”- quanto à violência física e mesmo em relação a outros aspectos – está impresso no *zeitgeist* contemporâneo, constitui uma das crenças dominantes do nosso tempo. (DUNNING, 1995, p. 326).

O autor, mesmo sem concordar diretamente com essa afirmação, cita alguns exemplos de outros autores que compartilham dessa mesma idéia, a de que estamos vivendo num mundo mais violento. Importante ressaltar que esse texto foi publicado pela primeira vez no ano de 1983.

Vinte e quatro anos depois da publicação de *A busca da excitação*, o historiador Eric Hobsbawn em seu livro *Globalização, Democracia e Terrorismo*³, mais precisamente no capítulo nove, intitulado *A ordem pública em uma era de violência*, desenvolve a idéia abordada anteriormente por Dunning, de que o mundo se tornou muito mais violento e continua caminhando nessa direção⁴. Segundo o historiador a “nossa era se tornou mais violenta, inclusive nas imagens. Não há dúvidas a respeito” (HOBSEBAWN, 2007, p. 326). Alerta o autor, que esse estudo, refere-se principalmente a Grã-Bretanha.

No texto citado, Hobsbawn continua desenvolvendo a idéia do aumento indiscriminado da violência referindo-se a vários fatores, dentre estes, o aumento dos índices de criminalidade, o aumento da oferta e disponibilidade global de armas

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação (mestrado) em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR). CEPELS/DEF/UFPR- ferborg@gmail.com

² ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Lisboa: DIFEL, 1995.

³ HOBSEBAWN, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

⁴ Corroborando com os autores citados por Dunning (1995, p. 327-8): Eysenk e Nias (1978); Marsh (1979); Yiannakis et al (1976).

destrutivas, armas baratas e portáteis. No mesmo contexto, continua escrevendo sobre o aumento de 35% no tamanho das forças policiais da Grã Bretanha desde o ano de 1971⁵. Também se refere ao aumento do emprego da força, citando a diversidade de possibilidades para exercê-la.

Os especialistas em controle de massa dispõem de hoje quatro tipos principais de instrumentos para enfrentar manifestações violentas: químicos (por exemplo, gás lacrimogêneo); “cinéticos”, com armas de dispersão, balas de borracha etc.; jatos de água; e tecnologias de atordoamento. (HOBSBAWN, 2007, p. 140)⁶.

E prossegue Hobsbawn citando alguns países e suas relações com os meios empregados no “campo real” do controle de massas.

A Noruega não emprega nenhum dos quatro; Finlândia, Holanda, Índia e Itália, apenas um, a saber, do tipo químico. Dinamarca, Irlanda, Rússia, Espanha, Canadá e Austrália usam dois; a Bélgica e os pesos pesados Estados Unidos, Alemanha, França, Reino Unido e mais a pequena Áustria têm os quatro tipos prontos pra ação. (Id.Ibid.).

Além disso, Hobsbawn (2007, p. 138) desenvolve uma gama de motivos, exemplificações e conseqüências do aumento da violência. Dentre estes, um dos que mais nos chamou atenção, foi sobre o problema da violência nos campos de futebol.

Mas o problema não se limita a um único país. Nem se refere apenas ao terrorismo. Inclui, por exemplo, a violência nos campos de futebol, outro fenômeno historicamente novo que surgiu na década de 1970.

Esta questão do futebol, apesar de não ser central na discussão de Hobsbawn, nos chama a atenção por ir de encontro com algumas questões discutidas anteriormente por Dunning (1995, p. 326).

Um dos aspectos não insignificante da crença de que estamos a viver num período excessivamente violento é o sentimento bastante disseminado de que, actualmente, a violência está a aumentar nos desportos e em conjugação com os mesmos.

Além desse ponto em comum na discussão, podemos apontar outro mais direto, onde Hobsbawn (2007) faz referência diretamente a Norbert Elias. Mencionando o aumento da violência, pergunta: Como ocorreram esses desenvolvimentos? Para em seguida responder que,

⁵ Se por um lado, este aumento no contingente policial pode sugerir um aumento da violência na sociedade, por outro, pode ser visto como conseqüência natural do aumento populacional e do monopólio efetivo da violência por parte do Estado. “Com o aumento da complexidade das relações sociais, se torna cada vez mais necessário um controle efetivo por parte do Estado. O monopólio da violência por parte do Estado e o alargamento das cadeias de interdependência exercem um processo civilizador”. (STAREPRAVO & MEZZADRI, 2003, p. 60).

⁶ Questionamos também se o próprio uso de armas não-letais não é expressão da diminuição do limiar de aceitação da violência, e especialmente do ato de matar, pela sociedade. “Elias afirma que na Europa ocidental ocorreu, em termos de longa duração, um declínio quanto à tendência de as pessoas obterem prazer do seu envolvimento directo em actos de violência e de os testemunharem”. (DUNNING, 1995, p. 332).

Acho que duas coisas estão acontecendo. A primeira é a reversão do que Norbert Elias analisou em uma obra chamada de O Processo Civilizador: a transformação do comportamento público no Ocidente a partir da Idade Média. Ele se tornou menos violento, mais “educado”, mais atencioso; inicialmente no seio de uma elite restrita e depois em escala mais ampla. Mas hoje isso já não é mais verdade. (HOBSBAWN, 2007, p. 141).

Exemplifica essa hipótese citando a vulgarização da linguagem, apontando algumas palavras de baixo calão, que antes eram comuns, somente nos hábitos de linguagem mantidos por profissionais especializados em atividades rudes, como soldados, por exemplo. Acena também que antes da década de sessenta, nenhuma mulher usava esse tipo de linguagem, mesmo porque algumas palavras não constavam nem no dicionário britânico.

Alguns pontos desenvolvidos até agora, são passíveis de comparação entre a perspectiva de Elias e Dunning em contraponto a Hobsbawn. Vamos a eles: O primeiro, é a afirmação, calcada na certeza de que estamos a viver num mundo cada vez mais violento e que isso incorre numa reversão daquilo que Elias chamou de Processo Civilizador.

A respeito disso, Dunning (1995, p. 328) escreve:

Por razões que não de-sobressair, discordo da perspectiva de certo modo simples segundo a qual os desportos e a sociedade contemporânea estão a tornar-se, sem qualquer ambigüidade, mais violentos. Discordo também, da idéia de que esta suposta tendência representa numa negação parcial da teoria de Elias.

Argumenta o autor, que a produção de violência nos desportos e na sociedade contemporâneas, levanta numerosos problemas complexos e que a resolução destes, só será possível se forem desenvolvidos alguns aspectos relevantes do processo civilizador apresentado por Elias. Seria preciso então, ir além deste.

Para cumprir esta missão, levanta alguns problemas sociológicos mais vastos, dentre estes, se refere a: distinção entre tipos de violência humana. Transformação civilizadora de longa duração nas sociedades mais avançadas da Europa Ocidental, e que esta transformação causou uma mudança de equilíbrio entre algumas formas de violência passíveis de distinção em tipologia. Por fim, a sugestão de que a alteração no equilíbrio entre as formas de violência passíveis de observação, é atribuída às mudanças das formas de controle social⁷.

A partir daí é desenvolvida, baseada na complexidade e diversidade dos tipos de violência praticada pelo homem, uma distinção destes tipos em: a) os meios utilizados; b) os motivos dos atores e os níveis de intencionalidade envolvida; e c) alguns dos parâmetros sociais que contribuem para distinguir as formas de violência uma das outras. Posteriormente estes três pontos são desmembrados, esmiuçados, ou melhor, distinguidos (o autor coloca essa distinção como provisória), em oito pontos. São estes conceitualizados em termos de polaridades e equilíbrios inter-relacionados.

1. Se a violência é real ou simbólica, isto é, se apresenta a forma de uma agressão física direta ou envolve simplesmente atitudes verbais e/ou não verbais.

⁷ Representado pelo monopólio da força física por parte do Estado, bem como pelo autocontrole dos indivíduos.

2. Se a violência apresenta a forma de jogo ou simulação ou se ela é séria ou real. (Ritual ou não ritual) – Ritual e Jogo podem possuir conteúdo violento.
3. Se uma arma ou armas são utilizadas ou não.
4. No caso de armas serem utilizadas, se os atacantes chegam a estabelecer contato direto.
5. Se a violência é intencional ou a consequência acidental de uma seqüência de ações que, no início, não tinha a intenção de ser violenta.
6. Se se considerar a violência sem provocação ou como sendo uma resposta, em retaliação de um ato intencionalmente violento, ou sem a intenção de o ser.
7. Se a violência é legítima no sentido de estar de acordo com as regras, normas e valores socialmente prescritos ou se não é normativa ou ilegítima no sentido de envolver uma infração dos padrões sociais aceites.
8. Se a violência toma uma forma racional ou afetiva, isto é se escolhida de modo racional como um meio de assegurar a realização racional como um meio de assegurar a realização de um objetivo dado, ou subordinado à “um fim em si mesmo” emocionalmente satisfatório e agradável. Outra forma de conceitualizar esta diferença seria distinguir entre a violência nas suas formas “instrumentais” e “expressivas”. (DUNNING, 1995, p. 330).

Em seguida, seguindo em sua proposição inicial, alertando para o fato inerente de que todos os desportos são por sua natureza, competitivos e conduzem deste modo, ao aparecimento de agressão e de violência. Esta é socialmente aceita e ritualizada, podendo, porém, devido as pressões sociais ou recompensa financeira, elevar o nível de tensão até que o equilíbrio entre competição amigável e controlada e competição hostil e desenfreada se desloque em favor da segunda. As regras convencionais que são destinadas a conter esse tipo de violência são suspensas podendo os jogadores, (e também espectadores, caso reajam igualmente os primeiros), machucarem-se seriamente. Contudo,

os padrões que governam a expressão e o controle da violência não são os mesmos em todas as sociedades. E, na nossa própria sociedade, diferem entre grupos ou desportos diferentes e não foram sempre os mesmos em todos os períodos históricos. (Id.Ibid., p. 331).

Devido a esse fato, fica difícil respondermos a questões elaboradas em termos de mais ou menos. Como exemplo, a seguintes indagações: O mundo está ficando mais violento? O esporte hoje é mais violento? É necessário delimitarmos melhor essas perguntas. A qual período ela está se referindo? Que tipo de violência ela se refere? A qual universo social ela se dirige? O mundo inteiro é um espaço muito grande para delimitarmos. Nesses termos essa pergunta não é passível de ser respondida. É preciso melhor elaborá-la.

Quanto ao processo civilizador, que segundo Hobsbawn (2007) estaria em fase de retrocesso, é lembrado por Dunning (1995) em seus aspectos relevantes. O primeiro aspecto, é que na Europa Ocidental, ocorreu um declínio quanto à tendência das pessoas obterem prazer em praticar diretamente atos de violência, e de o testemunharem. Isso implicou diretamente na diminuição do limiar de repugnância quanto ao derramamento de sangue e outras manifestações diretas de violência física. Outro seria a interiorização de um tabu mais rigoroso sobre violência, como parte do superego. Essa transformação obrigou as pessoas a planejarem melhor os seus atos, a usar estratégias mais racionais como forma de alcançar seus objetivos, relacionados à violência, que seria usada em

momentos específicos, de uma maneira calculada. O autor desenvolve essa teoria, demonstrando o desenvolvimento do Rúgbi moderno.⁸

Algumas das conclusões importantes dessa análise referem-se à transformação dos atos de violência, ocasionando passagem da violência emotiva, irracional, para um tipo de violência instrumental. Não obstante, esse tipo de violência ainda pode rapidamente se transformar na outro. Referente a este fato pode acompanhar a indagação feita por Dunning (1995, p.338):

Como é que este desenvolvimento, aparentemente paradoxal – que um jogo tenha evoluído para ser menos violento em certos aspectos e, ao mesmo tempo, mais violento quanto a outros – pode ser explicado?

Nesta perspectiva, apresentaremos dois artigos escritos pelo ex-jogador da seleção brasileira de futebol e hoje colunista do jornal *Folha de São Paulo* Tostão. No primeiro, o colunista argumenta que “alguns tipos de graves contusões são hoje mais frequentes que no passado” (TOSTÃO, 2008a). Tostão (Id.Ibid.) ainda descreve que,

Isso ocorre por haver mais velocidade e mais contato físico durante a partida, pela busca da vitória e do sucesso a qualquer preço e pela moderna preparação física que deixam os jogadores no limite entre as suas possibilidades físicas e as lesões.

Tostão nos parece coerente ao contextualizar as mudanças ocorridas no futebol, que tem como conseqüências as graves lesões. O autor continua afirmando que,

No passado, havia menos faltas e menos contato físico. Em compensação, como os jogadores eram pouco punidos, não existiam as dezenas de câmeras de televisão para flagrar os infratores e a imprensa era mais tolerante com os atletas violentos, havia mais deslealdade. (Id.Ibid.)

O que seria essa falta de punição senão o não cumprimento da regra? O árbitro é a pessoa designada para o cumprimento desta função e está dentro e fora do jogo. O arrefecimento da vigilância pode ocasionar numa seqüência de descumprimento das normas vigentes. Tostão se refere ainda a uma forma de controle externo, a câmera televisiva. Por fim, um ponto já citado por Dunning que é a aceitação social da violência, que apresenta níveis conforme as variadas configurações.

Mais adiante Tostão (Id.Ibid.) prossegue, apontando que no passado,

Existiam mais ameaças de quebrar a perna e outras intimidações. Hoje os brucutus fazem mais faltas, algumas violentas, mas raramente têm intenção de machucar o adversário. Jogam desta forma por falta de talento e/ou porque são indiretamente estimulados pelos treinadores, que utilizam a falta técnica para parar os lances.

Esta descrição nos parece muito familiar com a descrição feita também por Dunning, de que está acontecendo uma transformação da violência, ou seja, a passagem da violência emotiva, irracional, para uma forma racional, planejada, instrumental. “Verificou-se uma alteração, a longo prazo, no equilíbrio entre a violência afectiva e a racional” (DUNNING, 1995, p. 332).

A segunda matéria, escrita exatamente uma semana após a matéria acima apresentada, é intitulada *Fair play dos violentos*, e abordava a mesma temática.

⁸ Para melhor compreender esse desenvolvimento ver Dunning (1995, p. 328).

Espero que as partidas deste final de semana em todo o Brasil não sejam como as do anterior, quando houve cotovelada, joelhada, muitas trombadas, botinadas, empurrões e outras delicadezas. Aconteceu até jogadores simularem contusões para acabar com o jogo. Foi uma aula, uma demonstração de agressividade, violência, ambição e estupidez humana. (TOSTÃO, 2008b).

Mais adiante o colunista do jornal *Folha de São Paulo* aponta que,

Se, no cotidiano, o ser humano não consegue controlar sua agressividade e seus desejos de ser mais esperto que a esperteza, imagine em um jogo de futebol, com o atleta pressionado por todos os lados, instável emocionalmente e precisando decidir, em uma fração de segundos, se dá um pontapé ou se tira o pé. Isso atenua, porém não livra da punição. Até o *fair play*, como jogar a bola para fora quando um jogador está machucado e no chão, deixou de ser um gesto espontâneo, solidário e humano, para ser, muitas vezes, um ato obrigatório, burocrático, repetitivo, que parece fazer parte da regra. Quem faz costuma ficar contrariado. Mesmo os jogadores violentos praticam o fair play. (Id.Ibid.).

Tostão finaliza ressaltando que “a violência só vai diminuir se técnicos, jogadores, imprensa, dirigentes e torcedores tiverem compromisso também com a qualidade do espetáculo, e não apenas com o resultado” (Id.Ibid.). O ex-jogador ainda demonstra a solidariedade de quem possui o *habitus* e conhece o meio, ao mencionar que “entendo a pressão que sofrem os treinadores pra vencer”, mas posicionando-se em sua nova perspectiva encerra afirmando que “o olhar de um comentarista, de um crítico, não pode ser o mesmo de um técnico” (Id.Ibid.).

Para encerrar a leitura destas duas matérias jornalísticas, utilizaremos um pensamento do colunista, onde ele afirma que,

Nem tudo que está na memória é lembrado. Outras vezes, lembramos de fatos que não são exatamente como aconteceram, e sim como gostaríamos que tivessem ocorrido. Gostamos também de glamourizar as coisas. Somos todos saudosistas. Uns mais, outros menos. (Id.Ibid.).

Nesta segunda reportagem fica claro a posição do colunista no sentido de ter um baixo limiar de aceitação da violência, bem como encerra a discussão no sentido de afirmar se o futebol está ou não mais violento: o futebol mudou. Com a mudança da configuração, mudou-se a forma de jogar, a maneira de se cometer faltas, bem como o controle interno e externo sobre a disputa.

Encaminhando ao fechamento do texto, que ao invés de conclusões, trás reflexões ao debate, gostaríamos de retomar algumas idéias ambíguas apresentadas no decorrer do escopo. A primeira destas é a passagem onde Hobsbawn (2007) descreve que a o fenômeno da violência nos campos de futebol começa a aumentar na década de setenta. A esse respeito, Dunning (1995, p. 349) escreve que,

Acredita-se que o hooliganismo do futebol se tornou um problema social na Grã-Bretanha, pela primeira vez, em 1960. As investigações mostram, contudo, que não houve nenhuma década da história do jogo sem ocorrências de desordens numa dimensão considerável. De facto, a sua projeção mostra a tendência para seguir uma curva em forma de U sendo relativamente elevada antes da I Guerra Mundial, decaindo depois, no período entre as duas guerras, e permanecendo relativamente baixa até finais de 1950, então em 1960, aumentou elevando-se rapidamente desde meados dos anos 60 em diante,

fase em que chegou a construir um ingrediente quase “normal” do jogo profissional.

O fato de existir violência dentro e fora de campo não invalida a teoria do processo civilizador de Norbert Elias. Questionaria a teoria se o processo violento passasse despercebido, como algo normal no interior da sociedade. Só a título de exemplo, trazemos ainda reportagem da *Folha Online*, de 05 de fevereiro de 2007, intitulada *Governo tenta conter escalada de violência no futebol italiano*:

O Campeonato Italiano, que não teve partidas no final de semana por causa da morte de um policial na sexta-feira no clássico da Sicília entre Catania e Palermo, poderá voltar neste mês com portões fechados. O torneio seria retomado somente no dia 18 de fevereiro, mas há possibilidade de jogos serem realizados já no próximo fim de semana. O governo italiano precisa aprovar uma série de medidas de segurança para liberar a volta da disputa. Uma das medidas discutidas é a realização de partidas sem torcida. [...] Devem ser implementadas na Itália algumas medidas, como ingressos nominais, registros de entrada, seguranças pagos pelos clubes nos estádios e prisões e julgamentos rápidos.

O ato violento da morte de um policial em uma partida de futebol, ocasionou a paralisação do Campeonato Italiano de Futebol, exigindo do Estado e dos demais envolvidos no espetáculo esportivo, ações imediatas para conter a violência. Ora, se realmente vivêssemos em uma sociedade mais violenta, não seria algo normal, subordinado a interesses maiores, como o financeiro, o fato de uma pessoa ter morrido em função de sua participação em evento esportivo, como era em outros momentos históricos?⁹

A segunda questão que retomamos, em referência ao fato de que o processo civilizador encontra-se em seu revés, Elias (1997, p. 161) cita que,

A civilização a que me refiro nunca está completa, e está sempre ameaçada. Corre o perigo porque a salvaguarda dos padrões mais civilizados de comportamento e o sentimento em sociedade dependem de convicções específicas. Uma destas é o exercício de autodisciplina, relativamente estável para cada pessoa. Isto, por sua vez, está vinculado a estruturas sociais específicas.

Elias (Id.Ibid.) afirma ainda que,

Quando se empenham em examinar o problema da violência física na vida social de seres humanos, as pessoas fazem freqüentemente o tipo de perguntas errado. É costume perguntar-se como é possível que pessoas vivendo numa sociedade podem agredir fisicamente ou matar outras, como podem por exemplo tornar-se terroristas? Ajustar-se – ia melhor aos fatos e seria assim mais proveitoso, se a pergunta fosse formulada de modo diferente. Deveria, antes, ser redigida em termos como estes: Como é possível que tantas pessoas consigam viver normalmente juntas em paz, sem medo de ser atacadas ou mortas por pessoas mais fortes do que elas, como é hoje em dia o caso, em grande parte, nas grandes sociedades-Estados da Europa, América, China ou Rússia? É por demais fácil esquecer hoje o fato de que jamais, em todo o desenvolvimento da humanidade, tantos milhões de

⁹ “Nem sequer se podia ficar a observar este jogo, todos tinham de ser actores, [...] uma vez que se encontrasse no meio do grupo era transformado em jogador, dando-lhe uma bastonada ou duas, se ele está a cavalo, e oferecendo-lhe meia dúzia de socos, se estiver a pé”. Dunning (1995, p. 333-4), utilizando citação de Owen (1892), descrevendo o jogo galês *knappan*.

pessoas vivem, como hoje, relativamente em paz umas com as outras, com as agressões físicas geralmente eliminadas, como se observa nos grandes Estados e cidades do nosso tempo. Talvez este fato se evidencie primeiro quando nos apercebemos de quão mais elevado era o nível de violência nas relações entre pessoas em épocas progressas do desenvolvimento humano.

Por fim, fica uma indagação feita por Elias (1997). Seria mesmo a história feita pelos sociólogos tão diferente assim da dos historiadores? Não gostaríamos de nos inclinar a favor de uma ou outra perspectiva. Acreditamos que as contribuições de Elias, através da Teoria do Processo Civilizador, são fundamentais para a melhor compreensão da sociedade e particularmente da violência. Porém, esta questão não está longe de ser unânime entre os pesquisadores. Citamos a passagem do historiador brasileiro Luiz Ribeiro (2006, s.p.), que afirma:

estou convencido de que o “processo de civilização” é uma experiência efetiva e concreta e há, nesse sentido, uma grande e original contribuição de Elias na compreensão da formação histórica das sociedades ocidentais. Mas uma experiência, por mais abrangente que seja, não alcança a desejada condição de teoria geral da história, senão como um caráter teleológico. Coisa que sem dúvida Elias abominava. Estou convencido, portanto, que a idéia do processo civilizador enquanto um mecanismo de monopólio de poder e de introjeção da coerção é, antes de tudo uma possibilidade para indivíduos e sociedades históricas, mas não uma determinação. De outro modo, podemos dizer que a teoria do processo civilizacional está para os estudos das sociedades assim como a teoria marxista da luta de classes. Como teoria, deve ser vista como possibilidade – passada ou futura – não como determinação, como Teoria Geral da História.

Fica aí a discussão aos interessados em ter melhores perguntas e respostas às nossas inquietações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WILLIAMS, John. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FOLHA ONLINE. **Governo tenta conter escalada de violência no futebol italiano**. Publicado em 05/02/2007.

HOBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2007.

RIBEIRO, Luiz. Violência e Civilização. In: **Anais do IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**. Ponta Grossa, 2006.

TOSTÃO. **Era bom, mas nem tanto.** Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5, 16 mar. 2008a.

TOSTÃO. **Fair Play dos violentos.** Folha de São Paulo, São Paulo, p. 5, 23 mar. 2008b.

STAREPRAVO, Fernando A. & MEZZADRI, Fernando M. Esporte, Relações Sociais e Violência. In: **Motriz**, Rio Claro, v.9, n.1, p. 59- 63, jan./abr. 2003.